

Higiene se aprende na sala de aula

Educação

Temas de saúde deixam de ser exclusividade dos professores de ciências e passam a ser abordados em todas as disciplinas

Aprender a lavar as mãos antes de comer, escovar os dentes, cortar unhas e cabelos. Saber como tomar anticoncepcional ou usar preservativos. Coisas que se aprendem em casa, com os pais. Não necessariamente. Cuidados com a saúde, prevenção de doenças e hábitos de higiene são assuntos cada vez mais próximos das salas de aula. O caminho foi invertido: a saúde sai da escola para a casa.

Uma pesquisa realizada pelo Banco Mundial sobre nutrição, saúde e rendimento escolar demonstrou que crianças com melhores condições de saúde e que sabem cuidar do seu corpo também têm mais facilidade para aprender e faltam menos às aulas. "Quando estudantes têm problemas desse tipo, sua capacidade de aprender diminui em até 30%", revela Hussein Bahaa El-Din, ministro de Educação do Egito e especialista na área. Limpas e sem dores ou problemas de saúde, as crianças têm menos motivos para se dispersar, e tendem a prestar mais atenção às aulas.

Educação em saúde não é exata-

mente uma novidade. Desde a década de 50 os estudantes brasileiros estudam doenças como a tuberculose ou a malária. No entanto, em vez de ajudar a prevenir, as escolas apenas explicavam o que são, como se pega e se trata. "Fica difícil para o aluno entender por que aquela doença pode afetar a ele ou sua família", explica Célia Carolino, coordenadora do grupo que redigiu os *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 5ª a 8ª séries* para o Ministério da Educação (MEC).

A mudança feita agora é na forma de colocar o cuidado com a saúde onde ele sempre deveria ter estado: no dia-a-dia das crianças. Um volume inteiro do PCN foi dedicado à educação em saúde, pondo o tema como parte do currículo transversal das escolas. Ou seja, aqueles assuntos que devem ser tratados em qualquer disciplina — seja matemática, português ou ciências. Hoje, o assunto é de exclusividade dos professores das áreas biológicas.

"É preciso que, mesmo quando lendo um texto de português, o professor esteja preparado para destacar pontos que tratem de

saudade e higiene", afirma Carlos Jamil Cury, presidente da Câmara Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE).

LIMPEZA

A primeira lição que os alunos da 1ª série da professora Cláudia Machado, na Escola Classe 2 Paranoá, aprenderam este ano não foram letras ou números, mas algo mais prosaico: lavar as mãos e escovar os dentes. "As primeiras noções que a gente tem que dar a eles são cuidados básicos de higiene", conta a professora. "Coisas como cortar as unhas, os cabelos, cuidar das roupas."

Formada basicamente por crianças carentes, as turmas de 1ª série da escola do Paranoá têm pelo menos uma coisa em comum: a falta de higiene. "Eles chegam bem sujinhos", conta Cláudia. Em uma semana, a imagem da turma muda. Os uniformes estão mais limpos, não há briga para lavar as mãos, os cabelos são penteados.

Os ensinamentos da professora Cláudia têm um efeito colateral, mas desejado por educadores e agentes de saúde: atrai os pais e levá-los a cuidar melhor da casa e da saúde dos filhos. "Acho que esse é o papel da escola: que o conhecimento acabe chegando às famílias", explica Célia Carolino.

A pesquisa do Banco Mundial aponta a generalização dos concei-

tos básicos de saúde como um dos principais benefícios do trabalho nas escolas. "As escolas são meios eficientes e baratos de trabalhar saúde e nutrição. Crianças com baixo nível de doenças ajudam a reduzir a sua propagação e reforçam o nível de conhecimento da população em geral", concluem os técnicos da instituição, no estudo.

Os PCNs preparados pelo MEC destacam, principalmente, a transformação dos ensinamentos transmitidos pelas escolas em hábitos e atitudes. Os conteúdos foram colocados em dois grupos: Autoconhecimento para Autocuidado e Vida Coletiva, e abordam desde o cuidado com os dentes e métodos contraceptivos até coleta de lixo e preparação de alimentos.

PREOCOCIDADE

Os parâmetros poderão servir de referência para as escolas de todo o país, tanto públicas quanto privadas. Os conteúdos apresentados ali, no entanto, deverão ser adaptados à realidade local. "As especificidades locais têm que ser levadas em conta, sempre", afirma Carlos Cury.

A Escola Classe no Paranoá tem alunos apenas até a 4ª série. No entanto, aulas de educação sexual e métodos anticoncepcionais fazem parte do currículo. "Eles são muito precoces", explica a professora Ruth Lopes. Explicar o que é cami-

sinha, pílula e doenças venéreas é uma necessidade na região.

Outra necessidade é encaminhar crianças para consultas com dentistas e oftalmologistas. "Muitos chegam aqui chorando de dor de dente", revela Cláudia. Outras vezes, professores descobrem que alunos precisam de óculos, ou mesmo têm algum outro problema, como alergias respiratórias.

Segundo dados dos PCNs, 15% das mortes por partos registradas em 1993 foram de adolescentes entre 10 e 19 anos. A cárie dentária é o principal motivo de atendimento de adolescentes na rede pública de saúde. "Nós precisamos transformar o combate a esses problemas em algo permanente, que fique na vida das pessoas", diz Célia. "Hoje se trabalha muito com campanhas."

O Brasil está em 79º lugar entre os países com maior número de crianças que morrem antes de completar cinco anos. Cerca de 6% dos bebês brasileiros nascem com deficiência grave de peso.

Pode parecer difícil que ensinar a escovar os dentes ou lavar as mãos na escola possa ajudar a mudar esse quadro, mas é por aí que se começa. São noções de cidadania, de se saber que se têm direito à saúde. "Não sei quanto tempo vai se levar para mudar as coisas, gerações provavelmente", afirma Célia. "Mas tem que se começar um dia."